



Boca do Rio

Um sítio pesqueiro entre dois mares

João Pedro Bernardes | CEAACP/FCT/UAlgarve



Cisterna romana da Boca do Rio (projecto BRIO).

Boca do Rio é uma pequena praia situada entre Burgau e Salema, no Algarve. Na época romana, há 2 000 anos, o mar entrava pelo estuário do rio de Budens que ali desagua, formando uma extensa laguna. Nas margens desta laguna os Romanos fundaram, em meados do século I, uma *villa* que possuía uma grande casa com a sua frente e as termas voltadas ao mar, de que ainda hoje se veem muitos vestígios na praia e que o mar tem vindo a destruir. Por trás desta rica área residencial construiu-se um complexo industrial, com grandes tanques para a transformação de molhos e salgas de peixe, servido por um porto.

No século XVI, a praia da Boca do Rio volta a ser ocupada por uma comunidade de pescadores. Para proteger esta comunidade dos ataques de pirataria é construído o forte de Almadena, na colina oriental sobre a praia. Com o Tsunami derivado do terramoto que destruiu Lisboa e a costa algarvia, em 1755, as ruínas romanas que estavam enterradas sob a dunas são colocadas à vista. Em 1774, aproveitam-se fundações de alguns dos edifícios romanos, para se construir, de novo, uma armação de pesca de que restam ainda no local dois edifícios em ruínas.

Todo este sítio da Boca do Rio é um dos melhores locais do sudoeste europeu para estudar os efeitos e a energia de um tsunami de grandes dimensões, como o de 1755, uma vez que as dunas e a planície por trás da praia conservam testemunhos evidentes daquele evento marítimo.

A partir de 2017, em colaboração com uma equipa da Universidade alemã de Marburg, iniciámos um projecto intitulado “*Boca do Rio: um sítio pesqueiro entre dois mares*”, com o intuito de investigar a frente marinha e o

reaproveitamento que as armações de pesca, implantadas sucessivamente no local nos séculos XVI e XVIII, fizeram das estruturas romanas; mas também investigar ainda a parte industrial do sítio romano procurando entender a articulação desta área com a opulenta residência na frente marítima e todo o conjunto com o mar e a laguna.

No âmbito deste Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia, foram efetuadas prospeções geofísicas não invasivas que revelaram vários alinhamentos correspondentes a importantes estruturas soterradas sob as dunas na margem direita da antiga laguna do paleoestuário. Foram utilizados e cruzados os resultados de medições geomagnéticas, geoeléctricas e por georadar, revelando-se particularmente esclarecedoras as geoeléctricas em virtude das estruturas romanas estarem embaladas e bem preservadas por areias de duna.

As escavações que se seguiram para validar e conhecer a natureza das anomalias registadas pelas medições geofísicas, viriam a revelar várias fábricas para processamento de preparados piscícolas, uma delas com tanques com capacidade para 27 mil litros cada e, já em 2018, um porto com um cais de mais de 40 metros, bem construído em silharia, que permitia descarregar diretamente o pescado nos tanques das fábricas. As areias que cobriam todas estas estruturas permitiram que chegassem até nós com um nível de preservação pouco usual, ao ponto que ainda recolhemos no interior dos tanques pedaços de madeira pertencentes à cobertura e restos de preparados de peixe que pelos ossos e escamas parecem ser sobretudo de sardinha e cavala.



Porto romano da Boca do Rio (projecto BRIO).

Ao que tudo indica, esta fábrica teria sido abandonada lá para finais do século IV, tendo servido um dos tanques de lixeira, onde foram depositados pratos fragmentados, embora completos, importados da atual Tunísia. Na primeira metade do século V o sítio é abandonado. O porto, que constitui a estrutura de género melhor conservada em Portugal, é

formado por um extenso muro que, na extremidade sul, inflete para o interior do paleoestuário para proteger o cais da ação direta do mar e por uma rampa que permite o acesso à água. No troço escavado, via-se uma amarração para os barcos embutida no muro e, da rampa, descia uma escada para a laguna cujo fundo foi regularizado junto ao cais com pequenas

pedras e material cerâmico. O cais, e nomeadamente a rampa de acesso à água, foi entulhado, talvez em finais do século III ou inícios do IV, quando as oficinas de preparados de peixe ainda estavam em plena atividade, provavelmente porque o assoreamento da laguna deixou de permitir o acesso dos barcos.

Os resultados das escavações demonstraram ainda como os homens dos séculos XVI e XVIII utilizaram as estruturas dos edifícios romanos dos séculos II e III, reaproveitando sobretudo as sólidas fundações construídas nas dunas, para edificaram os seus edifícios de apoio às armações de pesca. O sítio da Boca do Rio, apresenta-se assim como um sítio pesqueiro ocupado ao longo de 2000 anos, com sucessivas destruições e abandonos. A primeira grande destruição do sítio ocorreu nos finais do século II ou inícios do III, a que se seguiu um extenso e grandioso programa de obras de reconstrução.

Os trabalhos prosseguem e na próxima campanha, em parceria com os nossos colegas alemães, vamos continuar a escavar um forno na periferia do sítio, já parcialmente identificado, e que se revela igualmente de enormes dimensões e bem preservado. Vamos também tentar perceber melhor a natureza do edifício termal onde assentaram os armazéns do século XVIII que se veem no local e tentar entender toda a dinâmica de um dos sítios romanos pesqueiros mais bem preservados do Ocidente do Império Romano, nomeadamente como se articula a parte residencial situada na frente de mar e as suas traseiras onde se localizava a área produtiva.



Ruínas romanas sob os edifícios do século XVIII (projecto BRIO).



Pintura mural (projecto BRIO).